



A institucionalização da censura interna em telenovelas com representação homossexual na Rede Globo¹

Ben-Hur Bernard Pereira COSTA²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

A ideia de existir uma entidade ou processo de censura invisível nos veículos de comunicação, por mais que não pareça uma situação rara de acontecer hoje no Brasil, assusta. A legitimação dessa repressão, porém, se dá sem intimidação ou questionamentos vigorosos em telenovelas da Rede Globo, onde o alvo, além do telespectador, são autores, atores e demais profissionais da empresa envolvidos nessas produções. A “censura interna” é um termo comumente usado para nomear a edição em cenas de teledramaturgia, onde a justificativa geralmente se encontra numa pesquisa de opinião pública. O trabalho questiona a ação dessa entidade interna e invisível, da Rede Globo, em telenovelas que abordaram a representação homossexual, com foco em *Insensato Coração*, exibida em 2011.

Palavras-chave: censura interna; homossexualidade e mídia; telenovela.

Introdução

O merchandising social é bastante frequente nas telenovelas brasileiras. Em especial na emissora Rede Globo, esse artifício serve para trazer credibilidade à obra, que tendo sua fácil penetração social instituída, faz do merchandising social uma importante ferramenta para agendar discussões sobre problemas até então difíceis de serem abordados. Diluído na trama, inclusive se tornando por vezes protagonista de algumas telenovelas, esses *tabus* ajudam autores a tornarem a história contada crível e de cativar o telespectador por demonstrar ser algo ‘real’ – inclusive porque a telenovela é reconhecida como uma obra que retrata a realidade – e ajuda atores a comporem seus personagens, que buscam auxílio de especialistas e de diversas pessoas que vivenciam de fato o problema representado na produção televisiva.

A representação da homossexualidade surgiu nas telenovelas ora como coadjuvante, ora criminalizada, ora como peça cômica, e também não se revelava explicitamente, mas sim por meio da oralidade, das profissões, vestuários e comportamentos estereotipados e sem abertura para o desenvolvimento de

1. Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

2. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, email: bernardcosta89@gmail.com.



relacionamentos afetivos (PERET, 2005). Com algumas inserções que merecem destaque, por seguirem na contramão desse contexto, não havia a homossexualidade como merchandising social devido a ausência de visualização daquela como uma pauta política e social. Não existia motivo para discutir o homossexual para além da comicidade ou da criminalização se não havia um sujeito contextualizado para ser discutido, tampouco reconhecível para o telespectador.

A década de 2000 é um marco por firmar a presença homossexual como uma constante em telenovelas da Rede Globo e cristalizar o assunto como merchandising social. Ou seja, o personagem é tratado além da sua mera inserção na produção, mas também com o objetivo de propor uma discussão que envolva o telespectador sobre sua condição de vida. É porém nesse momento que grupos conservadores e instâncias internas da emissora também passam a enxergam tais tramas como produtos de comunicação com potencial para promoção de discursos contrários aos seus interesses, sejam morais ou comerciais. Afinal, tendo a representação nova do homossexual concedido a ele o status de sujeito, que antes apenas lhe era dado o papel de suporte nas tramas, reconheceu-se a telenovela como ferramenta de poder, sobre esse assunto, tornando a censura interna uma constante. Além, é claro, de ser alvo de grupos religiosos. Trazer os indivíduos LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) como cidadãos com visibilidade em pleno “horário nobre” (a partir da 20h) tornou-se delicado para a Rede Globo, que é pressionada por diversas instâncias internas e externas, devido justamente ao reconhecimento desse artifício, o merchandising social, como algo dotado de esclarecimentos sobre determinados temas, que se imaginam ser contrários a uma ordem social vigente.

“[...] o ponto que mais me interessa contrastar entre as posições de Piccini e Brunner-Catalán é a concordância em que a televisão tem uma função basicamente reprodutora da ordem social. [...] À concepção da sociologia da qual eles falam, “o caos e as transformações só interessam quando vê-se surgir deles a ordem” (p. 98). Conseqüentemente, seu argumento mais pungente – oposto tanto às “minorias morais” conservadoras que estimulam a censura na televisão, quanto das elites intelectuais incapazes de apreciar o “caráter historicamente revolucionário deste meio” (p. 94) – subordina os juízos sobre a comunicação massificada a uma política entendida como manutenção do consenso, da ordem e da governabilidade (CANCLINI, 2002, p. 52).

É importante ressaltar que, embora haja um desnível de interferência direta em relação aos produtores, patrocinadores e grupos políticos e religiosos organizados, o



telespectador também é um pilar importante na decisão sobre a representação de minorias na televisão. Não são raras as produções que tiveram que alterar o rumo das tramas e destino de personagens devido ao resultado de pesquisas de opinião sobre as telenovelas em execução. Em *Torre de Babel*, de Silvio de Abreu, em 1998, já iniciava desagradando o público por tratar de diversos temas polêmicos e, entre eles, estava o relacionamento lésbico entre Rafaela (Cristiane Torloni) e Leila (Silvia Pfeifer). Com a explosão do shopping center, um dos cenários de maior atividade dentro da obra, o autor aproveitou para “se livrar” das personagens (PERET, 2005). O telespectador, então, estaria dotado de uma opinião própria, com base em seu repertório, dando-lhe autonomia para decidir sobre o que é correto ou não representar na televisão. É necessária uma investigação que dê conta de explicar os motivos que fazem com que a emissora recue diante de uma desaprovação, que costumeiramente é apreendida como o interesse em audiência, que conseqüentemente é comercial e político.

A televisão sempre direciona o objeto com uma preocupação de autojustificativa, a qual leva a uma típica idealização que geralmente dissimula seu próprio interesse no processo político e econômico, apresentando apenas o que é politicamente correto em sua ação enquanto principal instância de administração da consciência das pessoas (XAVIER, 2004, p. 73).

Faz-se importante também questionar que opinião pública é essa, a quem ela serve e que mecanismos e interpretações foram utilizados para extrair tal posicionamento do público.

Sabemos que todo exercício da força se acompanha de um discurso visando a legitimar a força de quem o exerce; podemos mesmo dizer que é próprio de toda relação de força só ter toda sua força na medida em que se dissimula como tal. Em suma, falando simplesmente, o homem político é aquele que diz: "Deus está conosco". O equivalente atual de "Deus está conosco" é "a opinião pública está conosco". Tal é o efeito fundamental da pesquisa de opinião: constituir a idéia de que existe uma opinião pública unânime, portanto legitimar uma política e reforçar as relações de força que a fundamentam ou a tornam possível (BOURDIEU, 2014, p.3).

Quanto a representação da homossexualidade em telenovelas da Rede Globo e a interferência de uma “censura interna”, como uma entidade instituída na empresa motivada por interesses desconhecidos, talvez o mais significativo e rememorado até hoje é o caso do beijo gay entre dois personagens masculinos, na novela *América*, de Glória Perez, em 2005. Os personagens Júnior (Bruno Gagliasso) e



Zeca (Erom Cordeiro) causaram uma enorme expectativa na época em que a novela foi exibida. Os atores chegaram até a gravar a cena, mas acabou não indo ao ar (SENNÁ, online, 2014). Em participação do ator Gagliasso no programa de TV *Encontro com Fátima Bernardes*, da Rede Globo, no dia 10 de março de 2014, ao ser questionado sobre ter sido “roubada” dele a interpretação histórica do primeiro beijo gay na emissora – o primeiro beijo gay masculino em telenovela brasileira foi exibido na minissérie *Mãe de Santo* (1990)³, da Rede Manchete; o primeiro beijo gay masculino na Rede Globo foi transmitido em 2014, na novela *Amor à Vida*⁴ – ele responde que foi “censurado”, afirma que “quem faz arte não consegue acreditar em censura”. Assim, Gagliasso, na própria emissora que o impediu de ver seu trabalho no ar, conta ao vivo que existe um sistema que promove censura interna na Rede Globo. Dois pontos que merecem ser destacados nesse episódio é que o beijo foi gravado sete vezes e que, o ator, numa mesma fala, cita a “censura”, duas vezes, no programa ao vivo – com vídeo também da entrevista online no site do programa⁵.

A ideia de uma entidade interna que censure autores, atores e demais profissionais envolvidos nas produções televisivas, sobre esse tema especificamente, não é algo que preocupe a todos assim como ao ator Gagliasso. Interpretando um homossexual na novela *Caras e Bocas*, em 2009, de Walcyr Carrasco (também autor de *Amor à Vida*), o ator Marco Pigossi, numa entrevista à revista *Quem Acontece* naquele mesmo ano, ao ser perguntado sobre ser a favor ou contra o beijo gay, respondeu:

Não sei dizer se o público está preparado ou não, mas não cabe a mim, e sim aos autores e à censura interna. Não acho necessário que haja. Quanto mais leve e sutil for, melhor. O público é inteligente e entende, não precisa mostrar claramente (PEREIRA, 2012, online).

Esse “público que entende” é questionável, pois não se sabe o que ele de fato entende. Em específico ao Cássio, personagem de Pigossi, ele se envolve com uma mulher durante a trama e não há discussão sobre ser ele homossexual, bissexual ou qualquer outra orientação sexual ou sobre o desejo do personagem quanto a essa relação. E mais uma vez tem-se institucionalizada uma “censura interna”. Não é

3.RIVERA, Miguel. **Tudo sobre Mãe de Santo**. Disponível em: <http://redemanchete.net/artigos/artigo.asp?id=185&t=Tudo-sobre-Mae-de-Santo>. Acesso em: 3 abr. 2014.

4. FINAL de 'Amor à vida' tem primeiro beijo gay em novela da Globo. **GL**. Disponível em: .Acesso em: 3 abr. 2014.

5.Vídeo da entrevista de Bruno Gagliasso no site da Rede Globo: <<http://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/videos/t/programa/v/gagliasso-relembra-beijo-gay-em-america-chorei-quando-nao-foi-ao-ar/3201909/>>. Acesso em 3 abr 2014.



preocupante o fato de haver uma regulação dentro da empresa de comunicação sobre o que pode ou não ser exibido, mas sim a ideia de que essa ação é oriunda de um ato de censura.

Assim como em *América*, onde o beijo foi regravado sete vezes, em *Amor à Vida*, outra telenovela que gerou grande expectativa sobre a exibição desse tipo de afeto, tiveram cerca de quatro cenas gravadas, com e sem beijo, para uma “plateia diminuta” antes da exibição no ar (OLIVEIRA, 2014, online).

O recuo de *Insensato Coração*

Insensato Coração (2011), ambientada na cidade do Rio de Janeiro, dos autores Gilberto Braga e Ricardo Linhares, era notadamente comprometida com as políticas sociais voltadas para os homossexuais, em especial com à criminalização da homofobia. Destaca-se, inicialmente, o número de personagens não heterossexuais na trama: ao todo foram sete. Roni (Leonardo Miggiolin), Eduardo (Rodrigo Andrade), Xicão (Wendell Bendelack), Hugo (Marcos Damigo), Araci (Cristiana Oliveira), Nelson (Edson Fieschi) e Gilvan (Miguel Roncato).

A mãe de Eduardo, Sueli, vivida por Louise Cardoso, é dona de um quiosque na praia, o *dog in Rio*, que se transforma em “point” gay; é decorado com as cores do arco-íris, o símbolo do orgulho gay. É importante salientar a existência desse espaço de sociabilidade, pois historicamente tais ambientes quase sempre eram secretos e camuflados. Em uma passagem de nossa história recente, entre as décadas de 1950 e 1970, que perpassa inclusive o período do regime militar brasileiro, os encontros entre pequenos grupos gays no Rio de Janeiro eram articulados com cuidado.

A não visibilidade de qualquer comportamento que alterasse os padrões de gênero era a norma tacitamente aceita para a tolerância do homoerotismo. Controle que se estendia em qualquer lugar a partir dos olhares vigilantes da “plebe rude”, olhares sempre atentos a qualquer possível sinal de “efeminação” e que determinava que um grupo anônimo e circunstancial de homens atirassem uma “bicha” do trem ou a apedrejassem. Ou também a persistência do machismo e seus rituais, que desde antigamente reforçava o padrão masculino/ativo e se manifestam agora nas turmas “espanca viados” dos bofinhos dos bairros.

A privacidade não cobria qualquer manifestação homoerótica, sobretudo se era visível, ou melhor, perceptível, o que motivaria a imediata intervenção da força pública. As experiências e comportamentos homoeróticos continuavam sendo, então, comportamentos essencialmente clandestinos (FIGARI, 2007, p. 377-378).



Assim, o “point” configura-se um importante ícone dentro da trama, que com sua decoração marcante – mas não necessariamente exclusiva, no sentido de excluir quem não seja LGBT – anuncia para a sociedade carioca da ficção e para a sociedade brasileira e midiática de telespectadores, que ali se encontra um ambiente onde ser homossexual é permitido.

Porém, não correndo o risco de os personagens parecerem presos em um gueto gay, onde apenas se sociabilizam entre si e em espaços reservados, eles também frequentam outros ambientes da trama, como o Bar do Gabino (interpretado pelo ator Guilherme Piva), onde acontece uma cena que merece destaque e que foi protagonizada pelos personagens Xicão, Hugo e Kléber (Cássio Gabus Mendes), irmão de Gabino. Xicão, que inclusive trabalha no quiosque da Sueli, leva um namorado alemão para assistir ao show do cantor Marcelo D2, que se apresenta no bar. No capítulo, que foi ao ar no dia 23 de junho de 2011, Kléber, homofóbico assumido, que após perder o emprego de jornalista, trabalha como garçom no bar do irmão, promove um ataque de fúria após ver que Xicão e o seu companheiro Kurt (Rafael Hansen) trocam carinho. “Fora daqui, boiolada. Embora. Isso aqui não é lugar de viadagem!”, grita Kléber após derrubar a bandeja que carregava, no momento do espanto ao ver aquela cena.

Xicão – Eu não saio daqui nem a força. Eu tenho tanto direito de ficar aqui quanto qualquer outro pagante e o meu namorado tem tanto direito de tocar em mim quanto qualquer outro casal que tá aqui.

Kléber – O quê? Vocês não têm o direito de fazer sem-vergonhisse na frente dos outros. Aqui eu não vou admitir!

X – Olha aqui...

Hugo – Xicão, nem responde, fica tranquilo, cara. A gente vai direto denunciar esse cara. O que você tá fazendo é contra a Lei Municipal 2.475, sabia?

Roni – Peraí, peraí, Xicão, o que tá acontecendo aqui, tem alguém te incomodando? Será possível?

K – Não te mete, flor, não te mete, que não é contigo.

X – Tá me incomodando sim, Roni, tá querendo me expulsar daqui só porque o meu namorado tocou no meu ombro.

[...]

R – Vai ser reacionário quando você for patrão. Aqui você é empregado e tem que acatar, obedecer as ordens do seu irmão e não ficar agindo e pensando ao seu bel-prazer, por conta própria. Aliás, animal não pensa.

K – Escuta, eu tenho que te aturar borboleteando aqui porque você é o divulgador da casa. Agora estes dois estavam quase se agarrando. Ninguém é obrigado a ver sem-vergonhisse aqui neste estabelecimento.

[...]



Sueli – O único sem vergonha aqui é você. Sem vergonha, seu grosseiro, tacaño e mal educado.

K – Nossa! – aplaudindo sarcasticamente – Falou a rainha dos gays. Olha aqui, no seu quiosque é problema seu, você faz o que bem quiser. Acontece que aqui é lugar de gente de família. Se deixar os dois agora de mãozinha dada daqui a pouco isso aqui vai virar um motel a céu aberto e vai espantar toda a freguesia, ora!

[...]

H – Chega! É demais. Eu tô indo embora, mas não porque eu esteja sendo expulso não, e sim porque eu me recuso a frequentar um bar de alguém tão estúpido, idiota como você.

X – Eu também vou embora. Eu não vou dar meu dinheiro para um estabelecimento que me discrimina.

S – Eu também não fico mais aqui. Xicão, Hugo, Alemão se vocês quiserem, vamo tomar uma cervejinha lá em casa.

[...]

Gabino – Gente, gente, que confusão foi essa aqui no meu bar? Eu tava vendo lá de longe.

R – Seu irmão, né, Gabino? que discriminou e tentou expulsar três clientes porque eram gays. Você sabe as consequências legais disso, né, Gabino?

Kléber acaba demitido pelo irmão.

Esse diálogo é um exemplo que ilustra bem o tom político da trama. O uso da Lei Municipal carioca nº: 2475 de 1996, que criminaliza qualquer ato discriminatório em estabelecimentos comerciais contra homossexuais (JUSBRASIL, 2012, online) não só funciona como uma ferramenta didática, como também intimida possíveis atos de homofobia – como o representado pela novela – fora da esfera ficcional.

É no diálogo também que se ratifica o posicionamento político dos personagens, como Roni, que chama Kléber de “reacionário”, e Xicão, que diz não querer gastar seu dinheiro em um estabelecimento homofóbico, inclinando para o discurso do “Pink money”, que se refere ao poder de compra dos homossexuais. Em reportagem de 2011, Guinoza argumenta:

De acordo com o IBGE, 10% da população brasileira é composta por homossexuais – cerca de 19 milhões de pessoas. Desse total, 9,4 milhões são economicamente ativos, potenciais consumidores. Ignorá-los seria o mesmo que não dar atenção a um grupo com poder de compra e renda média individual de R\$ 2.500 (2014, online).

Tal discurso é utilizado como busca por aceitação dos LGBTs por meio do poder de compra, como pode ser observado na citação acima. Outra cena que reflete sobre o “Pink money” diz respeito a Nelson. Em uma festa que concentrava alguns personagens (ficcionais) da elite carioca, uma mulher jovem se oferece para ser a acompanhante de Nelson nesses tipos de eventos, para que as pessoas o vejam como heterossexual.



Revoltado, Nelson, que é um advogado bem sucedido, diz que não precisa alimentar esse tipo de comportamento para manter seu status social, pois é aceito e respeitado em seu emprego e círculo social.

Com exceção de Araci, por se tratar de uma presidiária que domina a detenção e que não enfrenta a homofobia ou qualquer dificuldade por conta de sua orientação sexual, todos os outros personagens, constante ou esporadicamente, figuraram como indivíduos políticos e defensores da causa LGBT, cada um a seu modo e em seu tempo. O texto da novela tem um outro trunfo, que é o de construir diálogos mais próximos do público gay entre alguns dos personagens, como Roni e Xicão, que são efeminados. Na época de exibição da novela, o vídeo de Luisa Marilac, uma travesti brasileira na Espanha que debochava das pessoas que duvidavam de seu bem-estar na Europa tornou-se febre na internet. A frase “Se isto é estar na pior, porra, o que quer dizer tá bem, né?” dita por Luisa ao final do vídeo transformou-se num dos bordões mais usados na web. Em *Insensato Coração*, Natalie Lamour (vivida por Deborah Secco), amiga de Roni, se utiliza da frase da travesti famosa, sem o uso da palavra de baixo calão, “porra”, no capítulo exibido no dia 19 de maio de 2011. Natalie constantemente chama Roni de “bicha”, de uma maneira afetuosa, sem nenhum tom pejorativo – outra denominação coloquial muito comum entre os gays mais “afetados” na realidade.

Durante a trama, os personagens destaques do núcleo gay são Hugo e Eduardo, sendo esse último não assumido para sua mãe, Sueli. Hugo é um professor de Direito e ambos não são efeminados, não deixando claro quem pode ser o passivo e o ativo – a propósito, não é uma informação necessária para o entendimento dos personagens, visto que eles podem inclusive ser versáteis. O que predomina entre eles é o discurso da revelação. Porém, por Sueli ser dona de um quiosque gay, imaginou-se que ela aceitaria pacificamente a orientação sexual do filho. Em reportagem da Folha de São Paulo (2011) é revelado o diálogo que iria ao ar, mas que foi censurado parcialmente. Intitulado como “Emissoras no armário: Globo e SBT afirmam ter cortado cenas de beijo e de afeto entre homossexuais a pedido do público e para evitar ‘exaltação’”, o texto expõe o recuo das emissoras de televisão sobre o rompimento desse *tabu*.

As decisões das emissoras causaram surpresa e decepção entre defensores dos direitos dos homossexuais, especialmente no caso de “Insensato Coração”, que foi considerada um marco pela denúncia da homofobia.



O próprio Ministério da Justiça, órgão responsável pela classificação indicativa, decidiu mantê-la como “não recomendada para menores de 12 anos” (ao invés de 14 anos).

A decisão, publicada no “Diário Oficial” nesta semana [reportagem publicada em 24 de julho de 2011], cita que a novela tem “conteúdos de natureza educativa e relevância social, com reflexos positivos e respeito à diversidade” (CANÔNICO e ROXO, 2011, p. E1).

Independente de haver o beijo ou não, a importância política e social das representações homossexuais de *Insensato Coração* ultrapassavam tal polêmica e era executada em momento oportuno – em meio às discussões sobre a criminalização da homofobia e a legalização da união estável entre homossexuais em pauta no Supremo Tribunal Federal⁶ – mesmo com o aval do Ministério da Justiça, a direção da emissora optou por “esfriar” a discussão que se tornava cada vez mais substancial e se alinhava ao compromisso social que tanto tem se buscado nas construções de enredos das telenovelas. A mesma reportagem publicou o roteiro do capítulo 157, que foi ao ar no dia 18 de julho de 2011. “Sueli (Louise Cardoso) encontraria Eduardo (Rodrigo Andrade) e Hugo (Marcos Damigo) em seu apartamento; o roteiro foi modificado para que Sueli encontrasse apenas Eduardo” (2011, p. E1). As falas de Hugo, como já pôde ser exemplificado no diálogo transcrito anteriormente, são as mais contestadoras e, nessa cena, o personagem é excluído, sendo censurado, portanto, discursos mais políticos.

Eduardo – Ainda bem que ela não tá em casa.

Hugo – Eu não tô com saco pra mais drama [censurado].

Sueli entra com sua chave

Sueli – Mas o que é que tá acontecendo aqui?

Eduardo – Mãe, eu tentei te explicar ontem, eu vou pra casa da Alice.

Sueli – Eu te disse pra não fazer isso!

Eduardo – Não dá mais pra ficar aqui, você me trata como se eu fosse um doente.

Sueli – (choque) Eu te trato feito um doente?

Eduardo – Então o quê? Não sei. Se não sou um doente sou o quê? Perverso?

Sueli – Eu nunca disse isso, você tá sendo muito injusto comigo! Eu não tenho nada contra/ (vai dizer gay, se cala)

Eduardo – Então, qual é o problema, mãe? É vergonha dos vizinhos, é medo do que os outros vão dizer?

Sueli – (ofendida) É isso que você pensa de mim? Que eu sou tão pequena assim?

Hugo – (conciliador) Você sempre gostou de mim, sabia de mim,

6. STF reconhece por unanimidade a união gay. **Folha de São Paulo**. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/911999-stf-reconhece-por-unanimidade-a-uniao-gay.shtml>>. Acesso em: 3 abr. 2014.



nunca me lançou um olhar de reprovação, mas, de repente, quando é seu filho, muda tudo! [censurado]

Eduardo – (irritação) É hipocrisia!

Sueli – (grita) Eu não quero ver você sofrer!

Pausa. Sueli, muito emocionada. Os dois, surpresos.

Hugo – Sueli, eu não vou fazer o Eduardo sofrer, eu te garanto que/ [censurado]

[...]

Sueli – (por cima) Eu passo o dia inteiro naquele quiosque, ouço as histórias... É gente que apanhou na escola, que apanhou na rua, que perdeu emprego, que tem que aguentar desrespeito, piada/ (se corta) Com meu filho, não! Eu não quero que você passe por nada disso, eu quero te proteger! (frágil) Mas tenho medo de não conseguir...

Hugo – Sueli, na boa, preconceito na rua a gente tira de letra. Dentro de casa, na família, é que é difícil [censurado].

Sueli chora forte.

[...]

Toda a cena abaixo foi cortada

[...]

Eduardo – Mãe, você não tá sendo racional.

Sueli – Eu tô sendo mãe.

Hugo – Você devia ter orgulho do Eduardo, de ele estar disposto a enfrentar todas as barras que você sabe que ele vai enfrentar.

Sueli – Eu tenho orgulho do meu filho de qualquer jeito. Tô com mais orgulho agora, de ver a coragem dele. O que vocês não entendem é que filho... A gente nunca quer ver filho sofrer.

Eduardo – Então, você tá num mato sem cachorro, dona Sueli. Por que, se eu não enfrentar a verdade e me esconder debaixo da sua asa, vou sofrer mais.

Sueli – Não sai daqui de casa, filho. Se um dia for pra ter a sua casa, pra se casar/ Com o Hugo ou sei lá com quem, pode ser. Mas fugido, pro quarto de empregada da casa da Alice, por favor... Fica.

Eduardo – Eu fico, se você for respeitar minhas escolhas.

Hugo – Nem é uma questão de escolha. É a sua natureza, Edu (2011, p. E1).

Assim, a trama abandona parcialmente a junção da discussão entre o combate à homofobia e a união homoafetiva, deixando apenas a primeira proposta em evidência. Nesse diálogo o questionamento da origem da homossexualidade é posto sob três pontos: patologia, opção e natureza humana. Hugo, personagem censurado em toda a cena transcrita acima, finaliza a discussão com o que poderia solucionar a questão exposta por Sueli e Eduardo ao início do diálogo cortado pela emissora.

Gilvan é o elemento final que cristaliza o posicionamento de *Insensato Coração* como uma obra de “relevância social” (CANÔNICO e ROXO, 2011, p. E1). O personagem surge quase ao fim da trama, no dia 27 de julho de 2011 – a novela foi transmitida até 19 de agosto de 2011 – e tem função de sensibilização dos telespectadores. Gilvan é um adolescente de 18 anos que foge do interior após a morte da mãe, pois sofria agressões do pai e do irmão por ser homossexual. No Rio de Janeiro,



dorme na praia e rouba restos de comida que os clientes deixam no *dog in Rio*. Sueli lhe oferece emprego e moradia. No episódio seguinte ao aparecimento de Gilvan, no dia 28 de julho, Xicão é agredido por jovens intolerantes – *pitboys* – que só cessam as agressões porque Roni grita pela polícia e atira pedras. Nas cenas que se seguem, Sueli e Hugo são adicionados e aparecem numa delegacia diante de um inspetor que os atende com desleixo. Sueli deixa claro que o crime é de homofobia e Hugo ressalta a importância do Boletim de Ocorrência como forma de registrar o crime. Fica clara a proposta didática e, sobretudo, posição política da novela, que ainda traria novas problemáticas sobre o tema como a descrição da forma de atuação dos *pitboys*, estratégias de segurança para o quiosque, tons de alerta nos diálogos e uma cena que pode ser considerada icônica.

Gilvan, após elogiar Kleber sobre a reportagem feita por este que resultou na prisão de um empresário corrupto, sem conhecer seu posicionamento homofóbico, segue com Sueli para o *dog in Rio*. Na praia, eles visualizam o quiosque depredado e pichado. Gilvan ajoelha-se e pega uma bandeira do orgulho gay que se encontra rasgada, enquanto Sueli, aos prantos, lê o picho “Lugar de gay é no inferno”. O “point”, então, é destruído e o que antes era tido como clandestino - a socialização declarada de homossexuais - é revertido para o oposto: a rejeição aos LGBTs é marginalizada. O vandalismo, as pichações e a destruição do símbolo gay são elementos que caracterizam uma ação criminosa, assim, o “texto” (PINTO, 1995) revela que não mais a socialização homossexual em público é um crime, mas sim quem a ojeriza.

Texto é o nome que se dá a um exemplar empírico de produto de comunicação – uma ocorrência concreta que se submete à análise. Um texto é um objeto heterogêneo, um “conglomerado de traços” (Verón, 1984), que podem ser recuperados segundo a teoria que se use para identificá-los, e, evidentemente, cada teoria vai buscar em cada texto traços que são específicos dela. Ver um texto como discurso é abordá-lo com uma certa visada teórica específica, procurar nele certos traços e não outros (PINTO, 1995, p. 143).

No dia 4 de agosto Gilvan, que fica sozinho até a noite reorganizando o quiosque após a depredação, é abordado por *pitboys*, sendo Vinícius (interpretado por Thiago Martins), um dos vilões fixos da trama, quem fatalmente o agride. Sueli o encontra caído no quiosque e, em um novo confronto com o inspetor da polícia, a personagem emite um discurso feroz:



Sueli – Ta vendo, inspetor? Eu disse, eu avisei... o que esses animais eram capazes... Vocês não fizeram nada! Agora mataram o Gilvan, uma criança – soluçando.

Inspetor – A gente não pode adivinhar os crimes.

S – Mas esse vocês podiam sim e podiam ter evitado. Tava na cara que ia dar em alguma desgraça, mas bicha pobre, sem família, não merece justiça, né?

Sueli segue com diálogos (discursos) ainda mais politizados. Ao pedir a ajuda de Kléber, sendo ele jornalista e podendo divulgar o ocorrido a fim de solucionar o homicídio, ela percebe a resistência dele quando afirma que seu blog tem como foco “crimes de colarinho branco” e não “esse tipo de crime”, como argumenta o personagem. Sueli então o questiona: “esse tipo de crime? Você quer dizer a perseguição de uma minoria por puro preconceito!” – o episódio foi ao ar no dia 5 de agosto. Pressionado por outros personagens e sensibilizado pela ajuda e elogio que Gilvan havia feito dias atrás, Kléber decide investigar e publicar em seu blog a denuncia da morte do personagem. Por meio de ações articuladas junto à polícia, Kléber descobre a identidade do *pitboy*, que estava em uma igreja, prestes a se casar. Ao ser algemado, Sueli o provoca chamando-o de “monstro” e “assassino”; ouve, em retorno “matei, matei porque eu odeio essa raça. E ele tava gostando de apanhar, ele tava gostando de apanhar!”.

Insensato Coração encerrou-se como uma importante ferramenta de combate à homofobia, promoção de políticas públicas ao grupo LGBT e sensibilização do telespectador. Pode-se classificar essa obra como uma trama de cunho social além da identificação da inserção de merchandising social.

Há uma diferenciação entre tramas de cunho social, nas quais assuntos ligados à sociedade são abordados como elementos narrativos, e o puro merchandising social, que é inserido em falas e situações claramente pedagógicas até com dizeres mais racionais e argumentativas [SIC] do que emocionais. Seria uma pausa da linguagem folhetinesca dentro de um folhetim (TRINDADE, 2010, p. 75).

Pela dinâmica do enredo e também pela quantidade de personagens homossexuais, esse folhetim pode ser enquadrado como trama de cunho social por ser o tema LGBT algo frequente e fluido na narrativa. Ao mesmo tempo, o merchandising social se fez presente especialmente nos diálogos, como pôde ser conferido nas análises dos roteiros, e nas cenas de agressões verbal, moral e física.



Os atores de *Insensato Coração*, que interpretaram Eduardo e Hugo, Rodrigo Andrade e Marcos Damigo, respectivamente, ao fim da produção, emprestaram suas imagens para protagonizar uma campanha televisiva sobre a homofobia, onde eles incentivam a denúncia e criminalizam claramente esse tipo de discriminação, mesmo que homofobia não seja um tipo específico de crime no Brasil.

Considerações finais

Na América Latina é delicado falar sobre censura, não se pode ignorar, contudo, que uma emissora de televisão lida sobretudo com discursos, que dentro do que a Constituição Federal permite e de uma ética institucionalizada (Código de Ética), a empresa de comunicação pode fazer edições sobre seu conteúdo. Porém, a censura, como já afirmado, é um assunto que não foge de lembranças doídas. Reconhecer que existe qualquer espécie de entidade legitimada que promove censura aos meios de comunicação e aos artistas é no mínimo um retrocesso.

Nos casos analisados superficialmente (novelas *América*, *Caras e Bocas* e *Torre de Babel*) fica evidente a ação de um processo de censura interna aos artistas que compõem as produções de teledramaturgia. Mesmo considerando que a telenovela é uma “obra aberta”, ou seja, que permite alterações em seu andamento, atores, autores e demais profissionais envolvidos seguem um enredo proposto, mas que por interesses outros, de instâncias superiores da emissora de TV, são agressivamente mudados, comprometendo o trabalho dos produtores.

Já em *Insensato Coração*, é importante salientar a relevância política e didática – e até mesmo de entretenimento cômico – do universo gay construído para essa peça, que mesmo após o seu encerramento, continuou a promover o combate direto à homofobia. Mesmo assim, cenas, diálogos e discursos (estes por meio de merchandising social), foram censurados para evitar uma dita “exaltação popular”. Bourdieu ao discutir a relevância das pesquisas de opinião, para formar uma “opinião pública”, problematiza se de fato toda opinião tem valor.

[...] não existe pergunta que não seja reinterpretada em função dos interesses das pessoas às quais ela é colocada e o primeiro imperativo seria o de se perguntar a que pergunta as diferentes categorias de inquiridos pensaram estar respondendo. Um dos efeitos mais perniciosos da pesquisa de opinião consiste precisamente em colocar pessoas respondendo perguntas que elas não se perguntaram. Como por exemplo as questões que giram em torno dos problemas da moral



[...], problemas que são encarados como problemas éticos à medida em que se desce na hierarquia social, mas que podem ser considerados como problemas políticos pelas classes superiores. Um dos efeitos da pesquisa consiste em transformar as respostas éticas em respostas políticas pelo simples efeito de imposição da problemática (BOURDIEU, 1973, p. 4).

Essa posição tomada pela Rede Globo pode ser questionada quando a confrontamos com a “opinião” do Ministério da Justiça, que achou o conteúdo da telenovela adequado para adolescentes de doze anos, tendo em vista a contribuição social que a produção poderia proporcionar. A censura interna, por sua vez, fez com que a trama recuasse: censurou autores, extraindo discursos de seus textos originais, e censurou atores, que não puderam ter suas expressões cênicas transmitidas.

Por fim, é válido dar crédito aos produtores de *Insensato Coração*. Geralmente em uma discussão informal sobre o discurso midiático da Rede Globo, é comum culpar a empresa por manipulações e fomento de ideologias nocivas. Esquece-se porém que a emissora é constituída por diversos agentes, que corroboram ou não com a posição final da direção da empresa, mas que não por isso deixam de fazer parte do corpo de trabalho, portanto de serem também a Globo. A emissora tem se voltado cada vez mais a favor da diversidade sexual e as discussões sobre os polêmicos casos de censura têm gerado efeitos positivos. O que na verdade se faz necessário é conhecer os mecanismos de censura interna e, posteriormente, intervir nesse processo de normalização da cultura de uma entidade repressora invisível, para que tais “edições” sejam cada vez mais desestimuladas diante de uma suposta exaltação pública. Afinal, apesar do direito que uma empresa de comunicação tem de ter suas linhas editoriais e de que a Rede Globo é uma instituição privada, a concessão de transmissão, vale lembrar, é pública.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A opinião pública não existe**. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/50619/mod_resource/content/1/A_Opini%C3%A3o_P%C3%ABblica_N%C3%A3o_Exist_%28Pierre_Bourdieu%29.pdf>. Acesso em 3 abr 2014.

CANCLINI, Néstor García. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. **Opinião Pública**, Campinas, Vol. VIII, nº1, 2002, p 40-53. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/op/v8n1/14873.pdf>>. Acesso em 3 abr 2014.

CANÔNICO, A. M.; ROXO, E.. Emissoras no Armário: Globo e SBT afirmam ter cortado cenas de beijo e de afeto entre homossexuais a pedido do público e para evitar ‘exaltação’. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. E1, 24 jul 2011.



FIGARI, C.. @s **Outr@s Cariocas**: Interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro Séculos XVII ao XX. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

GUINOZA, M.. O poder do Pink Money. **Revista Brasileiros**. 2011. Disponível em: <<http://www.revistabrasileiros.com.br/2011/06/29/o-poder-do-pink-money/>>. Acesso em: 3 abr 2014.

OLIVEIRA, Fernando. **Atores gravaram três desfechos para cena de beijo entre Félix e Niko no último capítulo de 'Amor à Vida'**. Disponível em <<http://entretenimento.r7.com/blogs/mundo-da-tv/novelas-e-minisseries/atores-gravaram-tres-desfechos-para-cena-de-beijo-entre-felix-e-niko-no-ultimo-capitulo-de-amor-a-vida-20140131/>>. Acesso em: 3 abr. 2014.

PEREIRA, Jonathan. Marco Pigossi: "Sou muito bem resolvido". **Quem Acontece**. Disponível em: <<http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0,,ERT79956-8224,00.html>>. Acesso em: 3 abr. 2014.

PERET, Luiz Eduardo Neves. **Do armário à tela global**: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=295>. Acesso em: 3 abr 2014.

PINTO, Milton José. Semiologia e Imagens. In: BRAGA, J. L.; PORTO, S. D.; FAUSTO NETO, A. **A Encenação dos sentidos**: mídia, cultura e política. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura Municipal. Lei Municipal n.º 2475, de 12 de Setembro de 1996. **JusBrasil**. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/270318/lei-2475-96-rio-de-janeiro-rj>>. Acesso em: 3 abr 2014.

SENNA, Paulo. **Orgulho Gay ainda não conquistou o espaço nas novelas da TV**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/nostalgia/posts/2008/10/12/orgulho-gay-ainda-nao-conquistou-espaco-nas-novelas-da-tv-132257.asp>>. Acesso em 3 abr. 2014.

TRINDADE, W. D.. **Os efeitos de personagens LGBTs de telenovelas na formação de opinião dos telespectadores sobre a homossexualidade**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=10921>. Acesso em: 3 abr 2014.

XAVIER, Ismail. **Do senso moral-religioso ao senso comum pós-freudiano**: imagens da história nacional na teleficção brasileira. In: Telenovela Internacionalização e Interculturalidade. Maria Immacolata Vassallo de Lopes (org.). São Paulo: Edições Loyola, 2004, p 73.